



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Talhadas—Lisboa • Telefone: 7
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A reacção avança

Para que nega-lo? Faze-lo equivalente a fechar os olhos, a tapar os ouvidos, para não querer ver, para não querer ouvir o que é demasiado evidente.

Sobre o mundo rola impetuosamente uma vaga furiosa de reacção política-militarista, que procura subverter tudo o que representa uma conquista de liberdade popular, para garantir ao capitalismo a impunidade da sua perversa acção, para permitir à burguesia o seu predomínio de casta espoliadora.

A guerra, originada nas deficiências e nos antagonismos da organização capitalista da sociedade, veio, com as suas violentas sacudidas e com as suas excessivas exigências em vidas e em materiais e produtos de toda a espécie, desorganizar profundamente a já caótica e destruída estrutura do regime político-económico e social em que vivemos os povos.

O abalo sofrido foi tão grande que a situação das classes até hoje preponderantes, está seriamente ameaçada, ela sofre as consequências da falsa harmonia que cria os indivíduos e as classes.

E em face dessa ameaça que, realizando-se, dá fim a uma civilização, em que o roubo capitalista e a opressão política são os estigmas principais do seu aniquilamento, a classe burguesa lança mão de todas as violências, obsceda como está de que encontrará, no uso e abuso da força a sua salvação, para adquirir o poderio que presente periclitante, após a horrível carnificina em que lançou o mundo.

Por toda a parte o sangue do povo corre em holocausto à continuação do predomínio burguês. Os protestos populares contra a carestia da vida, as greves operárias contra a espoliação patronal, os movimentos de revolta das populações irritadas pela dupla tirania dos governantes e dos espoliadores do trabalho, são reprimidos com uma ferocidade inaudita. As reclamações dos trabalhadores, as suas greves vitoriosas ou vencidas, responde o patronato com um desdém insolente e com uma atitude desesperiada, tornando a vida cada vez mais difícil, quebrando assim toda a acção benéfica e colectiva do operariado.

A reacção avança, e é preciso que tenhamos a coragem de encarar a situação tal qual ela se nos apresenta. Não arremetamos nos nossos cérebros, nem procuremos incutir nos outros, vítimas como nós dos detentores da riqueza social, os sonhos consoladores de que o fim da espoliação capitalista está próximo, que a vitória do proletariado será fácil, porque a burguesia não resistirá, pois isso não representa mais que a manifestação de quimeras risonhas, filhas dum exagerado optimismo e aniquiladoras da vontade colectiva, que se fica à espera da queda da burguesia, como o árabe que espera que do céu caia o precioso maná, que lhe há de dar o vigor que só o seu trabalho poderia proporcionar-lhe.

Mais, não cantemos hinos vitoriosos ao próximo e fácil aniquilamento do mundo burguês; cantemos antes canções de revolta feitas dos nossos sofrimentos e dos nossos anseios de libertação, e marchemos confiantes na justiça da nossa causa, que nos há de dar a vitória, é certo, mas não alberguemos a ilusão de que a derrota da classe adversária se conseguirá facilmente, se não queremos ser vítimas da mais desoladora das surpresas.

Não façamos o que faz o viandante medroso, que para se animar, pretendendo mostrar aos outros uma coragem que não possui, despega a cantar, em alta grita, as canções mais alegres, ao araressar um caminho que lhe dizem infestado de bandidos.

Encaremos corajosamente o momento histórico que passa; não nos iludamos supondo que a carestia da vida deixará de aumentar; não esperemos que dentro da presente organização social voltará a existir a relativa facilidade de condições de vida que existia antes da guerra, porque os esforços dos inimigos do povo trabalhador se dirigiram todos a manter o actual estado de coisas, na pretensão de dificultar não só a marcha à revolução proletária, mas também no intuito de a ver debater-se, em cada mais completo, no dia seguinte à sua vitória, e depois, jesuítica e criminosamente, aproveitando-se do desespero das massas ignorantes, tentarem restabelecer o seu império de escravidão e opróbrio.

Não alimentemos tam doces e ingénuas esperanças, porque, no melhor dos casos, quando a burguesia caísse de poder, completamente esgotada pelos seus desvairios e pela sua incompetência, o proletariado não teria já energias para empreender a marcha para a sociedade nova, porque estaria, sem dúvida, ferido de morte pela fome lenta a que o capitalismo o vem condenando, abatendo-lhe o seu vigor físico e moral.

A reacção avança. Por toda a parte ela vai esmagando de momento todos os esforços populares, tentados para opor uma barreira ao seu avanço, porque os povos estão esgotados por uma guerra duplamente exaustiva, em que a fome foi imposta como um regime de salvação social, quando, na verdade, não é mais que de salvação burguesa, e que além do mais tem ainda a condenação a provocar as mais justas rebeliões ou simplesmente imposto ao povo, porque as classes privilegiadas não sofrem nem sofreram as agruras da guerra. Elas continuam usufruindo uma situação de todo vantajosa em relação ao povo que trabalha, o qual ficará, a demorar-se por muito tempo um tal estado de coisas, reduzido a um simples trapo nas mãos dos seus cruéis exploradores.

A reacção avança, e é preciso que não nos deixemos adormecer, confiantes que a hora da redenção virá breve. É necessário que trabalhe para apressar a sua vinda.

Não basta dar muitos vivas à revolução social, à Rússia Vermelha. Mais vale seguir o exemplo dos povos que se libertaram dos seus tiranos, mais vale que se responda em defesa da liberdade contra a reacção que avança, num desejo cego de aniquilar todas as conquistas das passadas revoluções.

É preciso que cada indivíduo se prepare, o melhor possível, moral e intelectualmente, pondo em acção uma força de vontade equilibrada, que o leve a eliminar os efeitos dum péssima educação, que o tornaram quasi insensível; é necessário fazer tábua rasa de preconceitos mesquinhos e intolerâncias insuportáveis, para que possa viver numa sociedade mais livre e igualitária.

Apesar de tudo, a hora é ainda das direitas e das esquerdas, isto é, da reacção e da democracia, duas forças conservadoras que se debatem, e das quais o operariado não pode esperar a sua emancipação. Essa virá quando soar a hora do proletariado. Ela soará breve, se não nos limitarmos a esperar a queda da burguesia. Mas para isso é necessário que, ante a reacção que avança, não deixemos de dar corda ao poderoso rológio da revolução, desprezando a teoria que nos diz que esperamos pacientemente que os nossos irmãos de além fronteiras nos venham arrastar pelas orelhas para então conquistarmos a liberdade.

Em França

Lorient é preso, acusam-no de tentar contra a segurança do Estado

PARIS, 6.—O professor Lorient, membro da federação socialista S. M. foi preso por inculpado no complot contra a segurança do Estado.—H.

Segundo um ministro marcha tudo excelentemente

PARIS, 6.—Um redactor do *Temps* interrogou o sr. Lefevre, ministro das obras públicas, sobre a situação geral dos transportes.

A situação é excelente nos caminhos de ferro—disse o ministro, accentuando-se a apresentação do pessoal nas várias redes. A greve pode considerar-se virtualmente terminada.

Na parte relativa às minas, os operários dos centros principais do Norte e Pas de Calais trabalham esta manhã, e sob o ponto de vista dos trabalhadores das docas, os principais trabalhos estão assegurados nos portos.

Quanto aos serviços marítimos, todas as partidas previstas no nosso programa e estabelecidas segundo um ordem de urgência, puderam ser efectuadas.—Rádio.

O almoço de A Batalha

Tendo sido tirada pelo nosso camarada e amigo Adolfo Nunes, quando do almoço oferecido à redacção de *A Batalha*, por virtude da passagem do 1.º aniversário deste jornal, uma fotografia dos convivas que, conforme oportuna-mente noticiámos, foram em grande número, encarrega-se o nosso amigo Nascimento Cunha, um dos membros da comissão que promoveu o referido almoço, de fornecer exemplares da mesma fotografia a quem para tal efeito se lhe dirija dentro dum prazo curto.

NÃO APOIABO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

De há uns tempos a esta parte, tem andado um jornal da manhã às turras com outro jornal da manhã. A contenda tem decorrido violenta, e como sejam de amplos pulmões os contendores, meio mundo os tem ouvido; e são de três espécies os ouvintes: *primeiro*, os parvos, que tomam partido por uma das partes, supondo ingenuamente que a outra parte assiste a razão e a moral; *segundo*, os scépticos, que todos se delectam e desvanecem com presenciar essa batalha de lama em que ambos os contendores se atacam; *tercio*, os confiantes, aos quais faz pena um espectáculo revelador de tamanha decomposição moral. Porque o espectáculo revela de feito uma tam vasta e profunda podridão nas altas camadas da burguesia e da finança que, a não adoptar a gente a superior atitude dum Demócrito, por certo se sente envergado, como se sobre nós escorresse uma parte do pês que meia humanidade mergulhou.

As comadres ralham: e é ver como as mazelas duma e doutra vieram a superfície. Todavia, existem criaturas crédulas a ponto de julgarem a imprensa burguesa um sacerdócio, e puros como vestais os jornalistas respectivos. Num generoso intuito de tirar as ganfanas dos olhos que as albergam, aqui se transcrevem uns bocadinhos extractados dum jornal da noite, de anteontem, que, apreciando a baixa dissenção, assim diz: *Se o Século tivesse tratado essas questões no campo meramente técnico, embora errando, por as ter estudado mal, ou propositalmente para defender interesses pontos de vista, pelos quais por ventura cobrasse esportula, nós nada teríamos com isso.* «Nada teríamos com isso», como quem diz: «nada vemos nisso de reproável, o nosso governo é esse, todos nós andamos ao mesmo...» Nada há que dizer, tam comum o facto se tornou, quando um jornalista defende interesses pontos de vista para dar sacar a esportula precisa. O que sofredoramente enfiado a supracitado jornal da noite é, não a essência venal da campanha, mas o tom acre da linguagem em que ela é feita. Isso sim, diz a gazeta aludida, *...isso fere os nossos brios de jornalistas e o respeito que devemos à missão da imprensa.* «Os nossos brios de jornalistas» concordará o leitor que é objecto. Para não dizermos que é descaramento, do mais genuíno.

Prof. L. Carvalho

A liberdade dos povos

Desacôrdo sobre o resultado dum plebiscito

PARIS, 6.—O *Temps* julga saber que os quatro membros da comissão internacional do plebiscito do Sleswig, estão de acôrdo em propor que a primeira zona do plebiscito, que votou em bloco, e, na qual, uma maioria de 76 % se pronunciou a favor da Dinamarca, seja por completo atribuída a este país.

Na parte relativa à segunda zona, que votou por comunas, e na qual a maioria alemã, no conjunto, há 23 % de votos dinamarqueses. Neste caso duas teses se apresentam. Os delegados britânico e sueco recomendam a atribuição de toda a segunda zona à Alemanha; os delegados francês e norueguês pelo contrário, fazem reservas na que diz respeito à região do este, e propõem entregar quatro comunas a Dinamarca, e as restantes à Alemanha.

Enfim, a comissão chama a atenção do conselho supremo sobre a difícil situação em que se acham os habitantes dinamarqueses da segunda zona, mesmo sob a autoridade da comissão internacional, durante o período do plebiscito.—Rádio.

Entre polacos e russos

Os polacos dizem-se vitoriosos

LONDRES, 6.—As últimas informações recebidas no War Office, asseguram que várias divisões de infantaria polaca se apoderaram das cidades de Imerlink, Viniela, Kazatib e de outras.

A cavalaria amparada pela infantaria duplicou o avanço na direcção de Ieste. Até 28 de abril o número de prisioneiros elevou-se a 15.000. Além disso, tomaram-se 50 peças de artilharia, 84 metralhadoras, 4 canhoneiras fluviais, 8 locomotivas e 2.000 vagões. Foram enviados a toda a pressa reforços bolchevistas a linha de batalha.

Por outro lado, as últimas notícias de origem polaca, dizem que nos últimos dias, os polacos fizeram 25.000 prisioneiros, 1.200 canhões, e 118 metralhadoras.

O comité russo dos negócios extrangeiros, propoz novamente o restabelecimento das negociações de paz.—Rádio.

PARA QUE SE VEJA... Poeira, poeira!

Lançam-na ás mancheiras das empresas jornalísticas do "lock-out"

Já calculávamos, ao escrevermos o nosso artigo de anteontem sobre a presente situação de *A Batalha*, que as reduções de empresas jornalísticas, congregadas para o efeito de dar combate aos tipógrafos, com aquela boa-fé que lhes é habitual viriam explorar a parte desse artigo que se oferecesse a servir-lhes os desígnios. Não deixou de suceder o que prevíamos, porquanto o órgão matutino das referidas empresas, no seu número de ontem, em vistosos caracteres e servindo-se de uma linguagem também de bom gosto, não tem habilitadamente que nos não dê o flanco, gritar que *A Batalha* reconhece que os tipógrafos não tem razão!

O pior é que nós destruímos todo aquele artifício conclamando a maioria de todas as facilidades, provando não só que não há lealdade da parte das empresas unidas, quando pretendem que nós estamos contra os tipógrafos, mas também que apenas um capricho, embora algo caro, as leva a não atender as reclamações dos nossos camaradas. Demonstramos.

Sabem muito bem as empresas jornalísticas que os tipógrafos que exercem a sua actividade nas casas de obras conseguem há pouco, sem terem necessidade de recorrer à greve, obter o salário mínimo de 5300, depois dum comissão da Federação do Livro e do Jornal ter discutido com os respectivos industriais a reclamação operária, sendo por fim assinado um acôrdo, por representantes dos industriais e da Federação do Livro, em que aquele salário era estabelecido. Foi esse acôrdo publicado na *Batalha* e até alguns dos jornais cujas empresas ora se opõem à justa exigência dos seus quadros, podendo ver-se que pela parte industrial o firmam os srs. F. Mateus, F. Peixoto e Manuel Salvador.

Sabem ainda as empresas jornalísticas—supondo nós que não serão capazes de levar a sua paixão até contestar uma coisa que por vários modos tem reconhecido—que o trabalho dos tipógrafos dos jornais é muito mais exaustivo do que o dos seus colegas das casas de obras, motivo porque sempre tem sido melhor remunerado, não só porque trabalham nos jornais da manhã, exaustivamente porque o seu esforço é dado de noite, e, portanto, em condições universalmente reconhecidas como mais penosas, tem o seu salário mais altos.

Não sofrendo isto contestação zonde a lógica e o espírito de justiça das empresas jornalísticas quando opõem à actual reclamação dos quadros tipográficos uma percentagem, como é a de 60 %, que oferecem, a qual, na melhor das hipóteses, daria um salário inferior ao que está, estabelecido nas casas de obras (trabalho de dia), com a agravante de ficarem os quadros dos jornais da manhã com salários iguais aos dos da tarde?

Não compreenderam ainda as empresas jornalísticas, que tam superficialmente examinaram as reclamações dos tipógrafos, que, admitindo que vingasse a sua proposta de 60 %, a breve trecho os jornais da manhã teriam dificuldade em organizar os seus quadros, uma vez que os operários prefeririam trabalhar nas casas de obras, onde levantariam melhores férias, e quando ali não tivessem lugar, procurariam ingressar nos jornais da tarde, visto que teriam ali os mesmos proventos que nos da manhã e à custa dum menor sacrifício físico. E todavia isto é tam intuitivo!

Que não podem arcar com as reclamações dos operários tipográficos, proclamam as empresas jornalísticas, aliás de cada vez em mais reduzido número, porque, alegam elas, semelhantes exigências são incompatíveis com a vida das mesmas empresas.

Seria assim se a reclamação fosse atendida dentro do preço actual da venda do jornal—e sabe-se que para a satisfazer já os representantes dos jornais resolveram elevar o custo destes para 5 centavos—o que significa que não corresponde tal afirmação à verdade.

O caso é que se trata dum injustificável obstinação, porque as empresas, que ora se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam papéis, que não são dirigidas por proletários, mas por argenteiros, lhes exigem o que querem—o que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, quando barafustam, mas pagam. A prova-lhe está a circunstância de terem aceitado, há poucos dias, o aumento do preço de quilo de papel de 80 para 1500—o que representa um encargo elevadíssimo—sem terem esboçado um simples protesto, entretidos como estão em levar de vencida os tipógrafos, que, agulhados pelas necessidades da hora presente, reclamam multissimos menos.

Este procedimento das referidas empresas jornalísticas revela bem o seu espírito de justiça.

Tem, pois, que encerrar-se por um aspecto diferente daquele que ao público é apresentado manhosamente, esta resistência das empresas jornalísticas, atitude tam estranha que logo no seu início não logrou merecer a solidariedade insosfregável de seis cotidianos de Lisboa, vindo por fim a ser rejeitada por mais dois jornais: *O Tempo* e o *Jornal do Comércio e das Colónias*, que se desligaram daquelas empresas, readquirindo a sua liberdade de acção.

Em relação à *Batalha*, cuja posição perante as reclamações dos tipógrafos é precisamente a mesma do primeiro dia, não havendo inconsequência da nossa parte, devemos dizer que as maiores dificuldades criadas a este jornal provêm não de exigências do seu pessoal assalariado, mas do preço excessivo por que se está vendendo o papel de impressão.

E sabem os *meneurs* das empresas jornalísticas que *A Batalha*, pela boca dum dos seus representantes, declarou em plena reunião das mesmas empresas, que vendido o jornal a 5 centavos—nessa altura o quilo de papel estava, se bem nos recordamos, a 70—podia aumentar todo o seu pessoal, inclusive, é claro, o quadro tipográfico, em 100 %, apesar de na sua secção de publicidade não inserir, como o fazem os jornais burgueses, toda e qualquer matéria paga, ainda aquela que contende com os sagrados interesses do povo e que é precisamente a mais rendosa para aqueles jornais.

O deficit que temos actualmente, conforme sabem os supracitados *meneurs*, podemos chamar-lhes assim, porque temos a certeza de que não irão parar à Guiné...—existe em consequência do jornal se vender a 2 centavos, pagando nós, todavia, a papel não a 70, mas a 1800 e pagando igualmente ao quadro tipográfico e a outro pessoal como se de facto *A Batalha* já se estivesse vendendo a 5 centavos.

Quanto à média que *A Imprensa da Manhã* atribui aos respectivos tipógrafos, assenta em bases falsas. Essa parte do artigo é fulminada noutro lugar do nosso jornal pela nota da comissão executiva dos tipógrafos, do motivo porque mister não é tocar no assunto.

Qual é, portanto, o móbil dos *meneurs* das empresas jornalísticas que, por meio do reduzido *lock-out*, o desoportunam ao espírito de justiça que os seus quadros reclamam operários, fazendo assim aquela imprensa o jogo das classes conservadoras, embora entre os híbridos não se encontrem quem se rotulam de avançados. E são esses *meneurs* que nos acusam de defender sistematicamente as greves, como se nós, com dobrada razão, não estivessemos habilitados a afirmar que eles é que defendem sistematicamente a classe burguesa, servindo sem escrúpulos os interesses de todos os exploradores dos que trabalham.

Além disso, o que pretendem as empresas jornalísticas que mantem o *lock-out*, *A Batalha* dirá aos tipógrafos—e não lhe falece autoridade moral para o fazer—que preservem a moral que com tanta dignidade veem sustentando. E procedendo assim, *A Batalha*, coerente com os seus princípios, e firme na sua integridade moral, oporá tam às empresas jornalísticas que não tem essas doutrinas, uma para uso próprio e outra para aliar aos outros. Não, senhores jornalistas, *A Batalha*, defendendo a causa dos operários tipógrafos, não o faz jesuiticamente, nem tem uma tabela para uso exclusivo.

Os tipógrafos de *A Batalha*, em relação ao trabalho que nesta casa executam, ficarão precisamente nas mesmas condições em que se encontram os tipógrafos dos outros jornais: não pagaremos menos um centil que as outras empresas jornalísticas, mas o mesmo, embora não tivéssemos esperado pela resolução do bloco para estabelecer aqui a tabela.

E, que, senhores jornalistas, nesta casa não tem guardada a moralidade do sapateiro de Braga.

Reclamações corporativas

Pessoal da Estamparia do Banco de Portugal

O pessoal da Estamparia do Banco de Portugal reuniu hoje para tomar deliberações urgentes acerca da sua inabarcável situação económica tendo sido aprovada por unanimidade a seguinte proposta:

Considerando que 4 anos e meio são tempo de sobra para atender as suas reclamações;

Considerando esgotados todos os meios pacíficos para o seu alcance;

Considerando ainda que não devem por mais tempo fatender desculpas ou evasivas de quem quer que seja;

O pessoal da Estamparia do dito Banco determina que a produção do papel mude, a contar de hoje, 5 de Maio, seja reduzida a 50 %, em sinal de protesto, tomando de futuro medidas mais energicas caso não sejam prontamente atendidas as suas reclamações.—O Comité.

Empregados da Carris de Ferro

A Associação de Classe dos Empregados da Companhia Carris de Ferro comunica as organizações operárias do país que desta data em diante tem a sua sede na rua da Esperança, n.º 240, 2.º andar.

"O Despertar,"

A administração deste nosso colega pede aos núcleos de juventude sindicalista do país bem como aos agentes na provincia a fim de liquidarem as suas contas mínimas esta semana, visto que *O Despertar* outras receitas não tem que não sejam o produto da venda.

QUE VEM AÍ? AFINAL, TUDO LÉRIAS

E quizeram fazer acreditar que a vida ia baixar 30 0/0!

Quem não conhece o comércio não sabe do que ele é capaz. É necessário estar lá dentro, conhecer desde moço os seus usos, para se avaliar até onde chega a sua perversidade, saber onde ela está e como se manifesta.

Não seria descabida um pouco de história, embora curta, do comércio, desde a subida do coronel Baptista ao poder até agora, e uns pequenos antecedentes. Vejamos:

O comércio, a quem um ministro tentou—tentou é o termo, porque, até agora, isso só em tentativa, visto que a lei das 8 horas só a cumprir quer ou quem é obrigado pelos fiscais dos empregados no comércio a cumprir—um ministro tentou, diziamos nós, aplicar a lei das 8 horas, pôs-se de mal com o governo. Caiu aquele e veio o do sr. Sá Cardoso, que ficou indeciso ante a lei, chegando mesmo a haver declarações ministeriais de que se não concordava com ela, mas que se fazia cumprir pelos simples facto de ser lei, cumprimento que aliás se não verificou, carregando o governo sobre o comércio com leis que a este não agradam.

Rebentam greves, e a acção governamental é um tanto espectral. Não se dá verdadeiramente para baixo, como o comércio deseja, na *canalha operária*; tudo corre mais ou menos como de manso rio e o comércio não fica satisfeito com tal atitude. Vem, finalmente, o governo do sr. Baptista, cujo programa: *Ordem! Ordem! Ordem!* significa, para o comércio, a promessa de *porra*, muita *porra*. Este impa de satisfação, esfrega as mãos de contente e exclama: *até que enfim...*

O *honrado* comércio zanga-se. Mas o governo, que tenta sufocar pela força o grito dos famintos, ameaça também ir baixar em 40 % os lucros do comércio.

O seu primeiro momento foi de pavor, começando a dizer pela boca dos seus directores representantes: *isso não pode ser, se o governo tentar semelhante coisa, caí! Esboçaram-se os primeiros actos do governo nesse sentido, quer dizer, faz-se praticar a afirmação multando e apreendendo pequenas coisas e estabelecendo-se um rumor velado no comércio; saem as primeiras tabelas e obrigações e os generosos somem-se como por encanto. O rumor aumenta e as manifestações de apoio ao governo, que pareciam uma *salada*, eram simplesmente o cumprimento dum praxe da gente da *Defesa da República*. O comércio já estava outra vez de mal com o governo, porque lhe mexera na *igrejinha*.*

O reagente do comércio trabalhava e trabalhava valentemente, afastando de Lisboa, se pode, os generos manifestados que lhe autorizam a lançar ao mercado, vende 20 % de lã ao público e sonega o resto; adultera outros, substitui-os, etc., como é fácil de ver. Dizia o governo que se acabavam as bichas, quando são cada vez mais e maiores.

Onde estão os generos?

Azeite, donde está o azeite? Não se sabe, mas quem fôr a Santa Apolónia, a Lisboa-Rosário, Terreiro do Paço e Alcantara, verá nessas estações do caminho de ferro, com por ali sai, a farinha, em garrafas, bilhas, etc., azeite que se vai buscar lá fora e que se paga por bom preço e é preciso quasi um empenho para obter esse magnifico liquido.

Um futuro negro

A batata nova, que é o tubérculo ainda não inteiramente feito e que se estraga e quebra no peso, de dia para dia, outro remédio não há senão ser vendida a 20, pois de contrário, *adensar*, como se dá a *perca*. Mas amanhã, quando a batata estiver boa e que o lavrador, de pelo logro em que caiu, não vá a ficar na terra, porque lá não se perde, e depois *faz-nos o cabelo*. Vale-nos um pouco a ervilha e a fava, que, embora caras, as há com fartura.

Há mercadorias que já expõem ao público avisos de que *devido à sua escassa existência, só podem fornecer, para conter a todos os seus frequentes, aquilo é que são umas almas de anjo...*—em quantidades não superiores a meio e um litro ou quilo.

Esperem-lhe pela pancada.

E a moagem, o que faz a moagem? Fez o que nós estamos vendo e faz o que muito bem quer. Para ela não vale Baptista, por mais corações que sejam.

Esperem-lhe pela pancada.

E a moagem, o que faz a moagem? Fez o que nós estamos vendo e faz o que muito bem quer. Para ela não vale Baptista, por mais corações que sejam.

Aldegalega

ALDEGALEGA. 2.—C.—Também a associação da construção civil e artes correlativas de Aldegalega marcou de forma brilhante a data dos trabalhadores.

A's 11 horas da manhã o presidente Teodoro Manuel Ferreira abriu a sessão para a inauguração da bandeira.

Após breves palavras do mesmo aludido ao acto que se realizava, foi descurado o alvará e fez-se a colocação da bandeira no mastro, cerimonia esta que moveu todos os presentes.

Em seguida fez uso da palavra Arnaldo Ferreira, dos funcionários públicos, fazendo votos por que os operários da construção civil daquela localidade cumpram com os seus deveres associativos. Foi em seguida dada a palavra ao camarada Manuel Soares, delegado da federação que num breve discurso incutiu nos trabalhadores a organizar-se para o futuro mais ou menos próximo estarem aptos a tomar conta da produção. Nesta altura o presidente suspendeu a sessão.

Feram 21 horas quando com a sala regorgitante de operários foi reaberta a sessão. O camarada presidente mandou fazer a leitura do expediente que constava de vários officios de saudação e credenciais acreditando vários delegados de associações.

Faz uso da palavra um camarada dos ferroviários do Sul e Sueste que lê um belo discurso fazendo votos por que os operários da vila de Aldegalega se organizem, seguindo o exemplo da sua classe que tem caminhado na vanguarda da organização portuguesa. João Gonçalves Tormenta, pelos rurais de Aldegalega, faz um entusiástico discurso demonstrando qual o caminho que os trabalhadores hão-de trilhar para a sua emancipação, abandonando por completo a política. Referindo-se à carestia da vida, demonstra com números, que esta em vez de descer subiu, dizendo que os operários só tem a esperar melhorias do seu próprio esforço. Manoel Soares, delegado da Federação, saudou o povo de Aldegalega nas pessoas dos operários presentes; historicamente que é o 1.º de Maio condenando os preconceitos da sociedade referendo em termos violentos as iniquidades cometidas pelos governantes, que por mais que digam que a vida vai baratear, só fazem pelos seus processos com que ela mais se agrava. Demonstra o que é a organização e em especial a Federação onde se devem federar o mais breve possível. Alonga-se ainda em várias considerações levando a sua palestra lora emeia. A assembleia aprovou a moção da União dos Sindicatos de Lisboa que devia ser presente no comício.

O presidente encerra a sessão, terminando esta bela jornada aos vivos à Confederação, à Federação, à *Batalha* e Revolução Russa.

Depois de encerrada a sessão apareceu o administrador do concelho com uma força da guarda, mandando evacuar as salas e encerrar a sede; a multidão saiu para a rua onde se manteve dando vivas à Confederação Geral do Trabalho, *Batalha* e Federação da Construção Civil, mantendo-se sempre em manifestações até que a guarda retirou.

NO BARREIRO

BARREIRO, 2.—C.—Em comemoração do 1.º de Maio, a Juventude Sindicalista promoveu uma sessão de propaganda, em que fizeram uso da palavra diversos camaradas, entre eles o delegado da U. J. S. P., Alfredo Luis Pedrosa, que lamentou que ali se encontrassem tam poucos camaradas, quando é certo que a vila do Barreiro tem para mais de cinco mil operários, incluindo os convivas a fazerem a máxima propaganda em prol das reivindicações proletárias. José Carlos Nunes, delegado da U. J. S. P., fez a apologia do 1.º de Maio, saudando os assistentes, já então numerosos, os mártires de Chicago, Joaquim Antunes, do N. F. dos manufacturadores de calçado, condena, em frases cheias

Em França

Lorient é preso, acusam-no de tentar contra a segurança do Estado

PARIS, 6.—O professor Lorient, membro da federação socialista S. M. foi preso por inculpado no complot contra a segurança do Estado.—H.

Segundo um ministro marcha tudo excelentemente

PARIS, 6.—Um redactor do *Temps* interrogou o sr. Lefevre, ministro das obras públicas, sobre a situação geral dos transportes.

A situação é excelente nos caminhos de ferro—disse o ministro, accentuando-se a apresentação do pessoal nas várias redes. A greve pode considerar-se virtualmente terminada.

Na parte relativa às minas, os operários dos centros principais do Norte e Pas de Calais trabalham esta manhã, e sob o ponto de vista dos trabalhadores das docas, os principais trabalhos estão assegurados nos portos.

Quanto aos serviços marítimos, todas as partidas previstas no nosso programa e estabelecidas segundo um ordem de urgência, puderam ser efectuadas.—Rádio.

O almoço de A Batalha

Tendo sido tirada pelo nosso camarada e amigo Adolfo Nunes, quando do almoço oferecido à redacção de *A Batalha*, por virtude da passagem do 1.º aniversário deste jornal, uma fotografia dos convivas que, conforme oportuna-mente noticiámos, foram em grande número, encarrega-se o nosso amigo Nascimento Cunha, um dos membros da comissão que promoveu o referido almoço, de fornecer exemplares da mesma fotografia a quem para tal efeito se lhe dirija dentro dum prazo curto.

RURAIS DE EVORA

UM JUDGMENTO IMPORTANTE

Vão enfim responder no corrente mês os trinta e um trabalhadores rurais acusados, por alguns lavradores de Evora, de constituírem um bando de salteadores, acção perversamente arqui-tectada por aqueles referidos inimigos da classe rural, como se demonstrará de pleno tribunal. A notícia acerca do julgamento das referidas vítimas do ódio burguês é-nos dada nos seguintes termos pelo nosso solicito correspondente daquela cidade:

EVORA, 5.—C.—Acabamos de ser informados que o julgamento dos 31 rurais acusados pelos lavradores de complotem o célebre bando de salteadores (1) se efectua no dia 21 do corrente mês, no tribunal desta cidade.

O dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. O. T., que já aqui tem vindo tratar do processo, é um dos advogados dos arguidos.

Na Alemanha

Manifestações populares contra a tropa

MOGÚNCIA, 6.—Deram-se novas desordens em Dusseldorf depois da entrada das tropas na cidade, mas faltam pormenores.—H.

Em Espanha

Parece que tudo volta à normalidade

VALENCIA, 5.—Já circulam os carros eléctricos, as casas comerciais reabriram e publicou-se um jornal.—H.

SARAGOÇA, 5.—Os grevistas regressaram ao trabalho e as tropas regressaram aos quartéis.—H.

Aldegalega

ALDEGALEGA. 2.—C.—Também a associação da construção civil e artes correlativas de Aldegalega marcou de forma brilhante a data dos trabalhadores.

A's 11 horas da manhã o presidente Teodoro Manuel Ferreira abriu a sessão para a inauguração da bandeira.

Após breves palavras do mesmo aludido ao acto que se realizava, foi descurado o alvará e fez-se a colocação da bandeira no mastro, cerimonia esta que moveu todos os presentes.

Em seguida fez uso da palavra Arnaldo Ferreira, dos funcionários públicos, fazendo votos por que os operários da construção civil daquela localidade cumpram com os seus deveres associativos. Foi em seguida dada a palavra ao camarada Manuel Soares, delegado da federação que num breve discurso incutiu nos trabalhadores a organizar-se para o futuro mais ou menos próximo estarem aptos a tomar conta da produção. Nesta altura o presidente suspendeu a sessão.

Feram 21 horas quando com a sala regorgitante de operários foi reaberta a sessão. O camarada presidente mandou fazer a leitura do expediente que constava de vários officios de saudação e credenciais acreditando vários delegados de associações.

Faz uso da palavra um camarada dos ferroviários do Sul e Sueste que lê um belo discurso fazendo votos por que os operários da vila de Aldegalega se organizem, seguindo o exemplo da sua classe que tem caminhado na vanguarda da organização portuguesa. João Gonçalves Tormenta, pelos rurais de Aldegalega, faz um entusiástico discurso demonstrando qual o caminho que os trabalhadores hão-de trilhar para a sua emancipação, abandonando por completo a política. Referindo-se à carestia da vida, demonstra com números, que esta em vez de descer subiu, dizendo que os operários só tem a esperar melhorias do seu próprio esforço. Manoel Soares, delegado da Federação, saudou o povo de Aldegalega nas pessoas dos operários presentes; historicamente que é o 1.º de Maio condenando os preconceitos da sociedade referendo em termos violentos as iniquidades cometidas pelos governantes, que por mais que digam que a vida vai baratear, só fazem pelos seus processos com que ela mais se agrava. Demonstra o que é a organização e em especial a Federação onde se devem federar o mais breve possível. Alonga-se ainda em várias considerações levando a sua palestra lora emeia. A assembleia aprovou a moção da União dos Sindicatos de Lisboa que devia ser presente no comício.

O presidente encerra a sessão, terminando esta bela jornada aos vivos à Confederação, à Federação, à *Batalha* e Revolução Russa.

Depois de encerrada a sessão apareceu o administrador do concelho com uma força da guarda, mandando evacuar as salas e encerrar a sede; a multidão saiu para a rua onde se manteve dando vivas à Confederação Geral do Trabalho, *Batalha* e Federação da Construção Civil, mantendo-se sempre em manifestações até que a guarda retirou.

Barreiro

BARREIRO, 2.—C.—Em comemoração do 1.º de Maio, a Juventude Sindicalista promoveu uma sessão de propaganda, em que fizeram uso da palavra diversos camaradas, entre eles o delegado da U. J. S. P., Alfredo Luis Pedrosa, que lamentou que ali se encontrassem tam poucos camaradas, quando é certo que a vila do Barreiro tem para mais de cinco mil operários, incluindo os convivas a fazerem a máxima propaganda em prol das reivindicações proletárias. José Carlos Nunes, delegado da U. J. S. P., fez a apologia do 1.º de Maio, saudando os assistentes, já então numerosos, os mártires de Chicago, Joaquim Antunes, do N. F. dos manufacturadores de calçado, condena, em frases cheias

